

Doutor Fausto

A vida do compositor alemão Adrian Leverkühn
narrada por um amigo

Thomas Mann

Tradução de
Herbert Caro

Título original:
Doktor Faustus

Das Leben des deutschen Tonsetzers Adrian Leverkühn,
erzählt von einem Freunde

Lo giorno se n'andava e l'aere bruno
toglieva gli animai che sono in terra
dalle fatiche loro, ed io sol uno
m'apparecchiava a sostener la guerra
si del cammino e si della pietatà,
che ritrarrà la mente che non erra.
O Muse, o alto ingegno, or m'aiutate,
o mente che scrivesti ciò ch'io vidi,
qui si parrà la tua nobilitate.

DANTE, INFERNO, canto II, 1-9

O dia afastava-se, e sua luz toldada poupava fadigas às criaturas terrenas, enquanto só eu me aprestava a sustentar a luta com o caminho e a compaixão, que minha memória retratará fielmente.

Ó Musas, ó supremo gênio, auxiliai-me? Ó tu, recordação que gravaste o que vi, mostra agora teu espírito nobre!

I

Faço questão de assegurar com toda a clareza que absolutamente não tenho a intenção de colocar minha pessoa num lugar de destaque, ao escrever algumas palavras acerca de mim mesmo e de minhas próprias atividades, antes de iniciar o relato da vida do finado Adrian Leverkühn, a primeira e certamente muito provisória biografia do saudoso homem e genial físico, que o destino tão terrivelmente assolou, engrandecendo-o e derribando-o. O que me induz a isso é a suposição de que o leitor — ou melhor, o futuro leitor, pois no momento ainda não existe a menor probabilidade de minha obra chegar a ser publicada (a não ser que, por algum milagre, ela consiga sair da nossa assediada fortaleza Europa e transmitir aos de fora um sopro dos segredos de nossa solidão) — permita-se-me retomar o fio: somente a suposição de que se possa desejar uma informação perfunctória sobre o autor e sua situação me leva a redigir como introdução umas poucas linhas sobre o indivíduo que sou — se bem que, na verdade, eu receie suscitar, precisamente com isso, dúvidas no espírito do leitor, que não sabe se está ou não em boas mãos, quer dizer, se eu, em virtude de toda a minha condição de vida, sou o homem indicado para uma tarefa à qual talvez me atraíam os impulsos de meu coração mais do que qualquer afinidade justificadora.

Releio as linhas precedentes e não posso deixar de verificar nelas certa intranqüilidade e alguma opressão, por demais características do estado de ânimo no qual me encontro hoje, a 27 de maio de 1943, dois anos após a morte de Leverkühn; quer dizer: dois anos depois de ele ter saído de trevas profundas para entrar na noite total, instalo-me no meu pequeno gabinete de estudos, em Freising-sobre-o-Isar, peça da qual, há muitos anos, sirvo-me para meus trabalhos, e me ponho a dar início à descrição da vida de meu infeliz amigo que descansa na paz de Deus — oh, que assim seja! — na paz de Deus; características, digo, de um estado de ânimo no qual se mesclam de modo sumamente angustioso a palpitante necessidade de comunicação e o mais intrínseco temor da falta de aptidão.

— Sou um homem perfeitamente moderado e — creio poder dizer — são, de temperamento humano, tendente à harmonia e ao raciocínio, um erudito e conjuratus da “Legião latina”, não desprovido de relações às artes (toco viola d’amore); mas, filho das Musas no sentido acadêmico do termo, gosto de considerar-me descendente dos humanistas alemães da época das *Epistolae obscurorum virorum*, dos Reuchlin, Crotus von Dornheim, Mutianus e Eoban Hesse. Embora não me atreva a negar a influência do demoníaco sobre a vida do homem reputei-o sempre inteiramente alheio à minha natureza, eliminei-o instintivamente da minha concepção do mundo e jamais senti a menor inclinação de pactuar ousadamente com as forças infernais ou sequer de, jactanciosamente, chamá-las à minha presença; quando, de modo sedutor, espontaneamente se aproximavam de mim, nem lhes estendi o mindinho. Devido a tal atitude moral, enfrentei sacrifícios, ideais tanto como relacionados com meu bem-estar material, quando, sem nenhuma hesitação, renunciei antes do tempo à minha querida profissão de docente, no momento em que se evidenciava que ela não podia conciliar-se com o espírito e as exigências de nossas evoluções históricas. Sob este aspecto, estou satisfeito comigo mesmo. Mas essa firmeza ou, se assim o querem formular, essa limitação da minha personalidade moral apenas intensifica as dúvidas que abrigo com respeito à minha idoneidade para a incumbência assim assumida.

Mal e mal eu acabava de pôr a pena em movimento, quando lhe escapava uma palavra que logo causou no meu íntimo um quê de embaraço. Refiro-me à palavra “genial”, ao tratar do gênio musical de meu finado amigo. Ora, o termo “gênio”, por excepcional que seja, tem certamente som e caráter nobres, harmoniosos, humanamente sadios, e pessoas como eu, posto que privadas do direito de participarem com seu próprio ser de tão sublimes regiões e jamais agraciadas através de *divinis influxibus ex alto*, não deveriam ter motivo plausível para aborrecer essa palavra e bem poderiam falar ou tratar dela com alegre devoção e

reverente confiança. Assim parece. E todavia não se pode negar e nunca se negou que o elemento demoníaco, irracional, ocupa uma parcela inquietante dessa esfera luminosa, que entre ela e o reino dos Íferos há uma ligação a despertar um leve horror e que, precisamente por isso, os epítetos positivos com os quais tentei qualificá-la, tais como “nobre”, “humanamente sadio” e “harmonioso”, não querem adaptar-se inteiramente a ela, mesmo que — defino essa diferença com uma espécie de decisão dolorosa — mesmo que se trate de uma genialidade pura, autêntica, dada ou talvez infligida por Deus, e não de uma congênere adquirida, ruínosa, da consumpção pecaminosa, doentia de dons naturais, do cumprimento de um atroz contrato de compra e venda...

Neste ponto interrompo-me com a humilhante sensação de ter cometido um erro artístico e de não haver logrado refrear-me. Dificilmente o próprio Adrian teria admitido a aparição prematura de um tema desse gênero, digamos, numa das suas sinfonias; quando muito, tê-lo-ia feito anunciar-se de longe, de um modo delicadamente oculto, apenas perceptível. O que se me escapou deve, aliás, parecer ao leitor uma insinuação obscura, questionável, uma indiscrição, uma irrupção grosseira na intimidade alheia. Para um homem como eu, é muito penoso e quase representa frivolidade assumir a posição de um artista criador em face de um assunto que lhe é visceralmente caro e, assim como este, preocupa-o ininterruptamente; e árduo se me torna manejar um argumento desses com a fácil compostura de um artífice. Eis o motivo por que me precipitei em estabelecer a diferença entre genialidade pura e impura, diferença cuja existência reconheço, somente para perguntar-me em seguida se ela é realmente genuína. Na verdade, a experiência obrigou-me a refletir tão intensa, tão insistentemente sobre esse problema, que de vez em quando tive a impressão assustadora de que desse modo algo me impelisse para fora do plano ingênito, salutar de meus pensamentos e causasse a mim mesmo uma exaltação “escusa” de meus dons naturais...

Novamente me interrompo ao recordar que, quando cheguei a falar do gênio e de sua índole em todos os casos influenciada pelos demônios, o fiz somente para ilustrar as dúvidas que nutro quanto à minha afinidade, que é indispensável para que eu seja capaz de cumprir tal tarefa. Permita-se, pois, que eu diga tudo o que se pode alegar para combater os escrúpulos de minha consciência. Foi-me concedido passar longos anos de vida na convivência familiar com um homem genial, herói destas páginas, conhecendo-o desde a infância, sendo testemunha de sua evolução e seu destino, além de participar de sua produção num modesto papel de ajudante. É de minha autoria o libreto baseado na comédia *Love's Labour's Lost*, de Shakespeare, o que serviu para a brejeira obra

juvenil de Leverkühn, e também pude influir sobre a preparação da grotesca suíte operística *Gesta Romanorum* e do oratório da Revelação de São João, o Teólogo. Isso é um dos argumentos, ou talvez já haja vários. Mas menciono ainda que possuo documentos, apontamentos de inestimável valor, que o finado legou a mim e a nenhum outro por testamento, quando ainda gozava de boa saúde, ou — se não for lícito afirmar isso — de uma saúde relativamente e legaliter boa. Neles hei de alicerçar-me na minha narrativa e até tenciono incluir nela literalmente alguns trechos, após uma seleção conveniente. Porém, em última análise, ou melhor, em primeira — e esta justificativa sempre tem sido a mais válida, se não perante os homens, mas certamente perante Deus —, eu o amei, com horror, ternura, compadecimento e devota admiração, sem perguntar-me sequer se ele, por pouco que fosse, correspondia aos meus sentimentos.

Não, não o fez. No papel em que me transmitiu os esboços de composições e as páginas do diário, encontrados no espólio, expressa-se uma confiança cordialmente objetiva, quase que me sinto induzido a dizer: condescendente, sem dúvida honrosa para mim, confiança na minha escrupulosidade, lealdade e correção. Mas, amar-me? A quem teria amado esse homem? Talvez, em tempos idos, a uma mulher. Pelo fim, possivelmente a uma criança. A um jovem leviano, capaz de conquistar a simpatia de qualquer um, homem de todas as horas, que ele depois despachou — provavelmente por ter-se-lhe afeiçoado —, e logo à morte. A quem teria Adrian aberto o coração? A quem teria jamais acolhido em sua vida? Tais atitudes não existiam nele. Aceitava a dedicação de outrem, às vezes, juro, sem percebê-la. Sua indiferença era tão grande que apenas raras vezes se dava conta da companhia em que estava e do que se passava a seu redor, e o fato de ele quase nunca ter chamado pelo nome a nenhum dos seus interlocutores me faz supor que ele o ignorava, ao passo que estes tinham boas razões para imaginar o contrário. Inclino-me a comparar sua solidão com um abismo, no qual se aprofundavam, sem ruído nem rastro, os sentimentos que os outros lhe ofereciam. Em torno dele reinava frieza — e que sensação me invade, ao usar essa palavra, da qual também ele se serviu outrora numa ocasião monstruosa! A vida e a experiência podem conferir a determinados vocábulos um acento completamente estranho a seu sentido comum, e que lhes confere um nimbo de pavor incompreensível para todos os que não os tenham conhecido no seu significado mais horroroso.

II

Meu nome é Serenus Zeitblom, doutor em Filosofia. Sou o primeiro a criticar o curioso atraso da apresentação de meu cartão de visita; mas, do modo como andam as coisas, acontecia que o fio literário de meu relato até este instante nunca me permitisse mostrá-lo. Tenho sessenta anos, pois que nasci no Anno Domini de 1883, o mais velho de quatro irmãos, em Kaisersaschern-sobre-o-Saale, distrito de Merseburgo, na mesma cidade na qual também Leverkühn passou todo o período dos seus estudos escolares; motivo por que posso adiar sua descrição mais detalhada até o momento em que me couber tratar dessa época. Uma vez que, de resto, o decurso de minha vida particular freqüentemente se entrelaça com o do Mestre, será oportuno narrar ambos em conjunto, para não incorrer no erro de uma antecipação inadequada, para a qual já normalmente sempre tenderá quem tiver o coração prestes a desbordar.

Por ora, seja comunicado apenas que vim ao mundo no ambiente não muito elevado de uma classe média semiculta.

Pois meu pai, Wolgemut Zeitblom, era farmacêutico — por sinal o mais importante da praça. Existia, aliás, em Kaisersaschern ainda outra loja de produtos medicinais, mas jamais desfrutou daquela confiança geral que o público tributava à farmácia “Aos Beatos Apóstolos”, do Sr. Zeitblom, e sempre teve dificuldade em competir com ela. Nossa família fazia parte da pequena comunidade católica da cidade, cuja população, na sua maioria, era naturalmente de confissão luterana. Minha mãe, sobretudo, era uma piedosa filha da Igreja e observava estritamente seus deveres religiosos, ao passo que meu pai, talvez por falta de tempo, mostrava-se mais relaxado nesse particular, sem, no entanto, renegar em absoluto a solidariedade com o grupo de seus correligionários; solidariedade essa que não deixava de ter alguma significância política. É digno de menção que, ao lado do nosso pároco, o Rev. Conselheiro Zwilling, também o rabino da cidade, o Dr. Carlebach, freqüentava o nosso lar situado acima do laboratório e da farmácia, e isso dificilmente teria acontecido em casas protestantes. De ambos os clérigos, o representante da Igreja Romana era o mais bem-apeado. Mas, segundo a minha impressão, que continua viva em mim e talvez se baseie em boa parte na opinião de meu pai, o talmudista baixinho, barbudo, com o solidéu na cabeça, superava longe o colega do outro credo, quanto à erudição e à argúcia religiosa. Pode ser algum efeito dessa experiência colhida na minha juventude ou ter sua origem na simpatia com que círculos judaicos encaravam a obra de Leverkühn, o fato é que precisamente com relação à questão judia e ao modo como esta foi

solucionada nunca pude inteiramente concordar com nosso Führer e seus paladinos, o que não deixou de influir sobre minha renúncia ao magistério. É bem verdade que houve também, entre os que cruzaram meus caminhos, exemplares dessa estirpe — basta que lembre o livre-docente Breisacher, de Munique — cuja índole desconcertantemente antipática me proponho iluminar em hora mais oportuna.

No que tange a minhas origens católicas, é natural que elas tenham plasmado e influenciado minha personalidade íntima, sem que, todavia, jamais resultasse dessa matização de minha vida — qualquer conflito com minha concepção humanística do mundo ou com meu amor às “melhores Artes e Ciências”, como se dizia em outros tempos. Entre esses dois elementos de minha pessoa reinou sempre total harmonia, tal como, sem dúvida alguma, pode ser mantida com facilidade por quem se haja criado no clima tradicional de uma cidade antiga, cujos monumentos e reminiscências recuam muito longe adentro de eras pré-cismáticas, quando existia um mundo de unidade cristã. Kaisersaschern encontra-se, na verdade, bem no centro da região onde se originou a Reforma, no coração da terra de Lutero, circunscrita pelos nomes das cidades de Eisleben, Wittenberg, Quedlinburg, como também de Grimma, Wolfenbüttel e Eisenach — o que é, por sua vez, elucidativo com relação à vida íntima do luterano Leverkühn e explica seus primeiros estudos, que se dedicavam à Teologia.

Mas eu gostaria de comparar a Reforma com uma ponte que conduz não só de períodos escolásticos até ao nosso mundo do livre pensamento, mas também, em direção oposta, adentro da Idade Média — talvez ainda mais além, sob a forma de uma transmissão cristã-católica, preservada do cisma, de um alegre amor à cultura. Por minha parte, sinto-me realmente à vontade naquela esfera áurea na qual se dava à Santíssima Virgem o nome de Jovis alma parens.

Para continuar registrando os fatos mais indispensáveis de minha vida, anoto que meus pais me permitiram freqüentar o nosso ginásio, a mesma escola na qual, duas classes mais atrás, Adrian recebeu seus ensinamentos, e que, fundada na segunda metade do século XV, tinha ainda há pouco a denominação de “Escola dos Irmãos da Vida Comum”, nome esse que apenas abandonou devido a certo embaraço causado por seu som hiperistórico, levemente cômico para espíritos modernos; substituindo-o pelo da igreja vizinha, passou a chamar-se “Ginásio São Bonifácio”. Quando saí dele em princípios do nosso século, consagrei-me sem hesitação aos estudos das línguas clássicas, nas quais como aluno já me distingui até certo ponto. Dediquei-me a elas nas universidades de Giessen, Jena, Leipzig e, de 1904 a 1906, de Halle, na mesma época — e não por acaso — em que também Leverkühn estudava ali.

Neste ponto, como em muitas outras ocasiões, não posso deixar de regalar-me, de passagem, com o intrínseco e quase misterioso nexa entre o interesse pela filologia antiga e uma propensão carinhosamente animada pela beleza e pela dignidade racional do homem — esse nexa que já se manifesta no fato de qualificarmos de humaniora o orbe dos estudos das línguas antigas, mas também porque a coordenação espiritual entre a paixão pelas línguas e o amor às humanidades é coroada pela idéia da educação, sendo quase óbvio que a missão de formar a juventude resulte da vocação para a filologia.

Quem se devotar às realidades das ciências naturais pode muito bem ser um professor, mas nunca um educador no senso e na medida de um cultivador das *bonae litterae*. Nem sequer aquele outro idioma, mais íntimo talvez, mas prodigiosamente inarticulado, o idioma dos sons (se é que se pode designar assim a Música), parece-me fazer parte da esfera pedagógica e humanística, ainda que eu absolutamente não ignore que ele desempenhou um papel de servente na educação grega e, de um modo geral, na vida pública da pólis. Muito ao contrário, tenho a impressão de que a Música, sem embargo de todo o rigor lógico-moral que tente arvorar, pertence a um mundo místico, por cuja fidedignidade incondicional em matéria da razão e do valor humano eu não gostaria propriamente de garantir. Que, apesar disso, eu sinta sincera afeição a ela faz parte daquelas contradições que — lamentemo-las ou tiremos satisfação delas — são inseparáveis da natureza humana.

Mas tudo isso fica à margem do nosso assunto. Ou talvez nem tanto, já que a questão de saber se é possível traçar uma divisa clara, segura, entre o mundo nobremente pedagógico do espírito e aquele outro mundo dos espíritos, do qual só com perigo nos avizinhamos, faz decididamente, por demais decididamente, parte do meu tema. Que campo do humano, mesmo supondo que se trate do mais puro, do mais dignificamente generoso, ficará totalmente inacessível ao influxo de forças infernais? Sim, cumpre até acrescentar: qual deles não necessitará nunca do fecundador contato com elas? Esse pensamento, que pode ser ventilado com propriedade inclusive por quem, por natureza, permaneça inteiramente distante de tudo quanto for demoníaco, restou-me de certos momentos de minha viagem de estudos — quase um ano e meio! — à Itália e à Grécia, viagem essa que meus bondosos pais me permitiram fazer, após ter sido aprovado nos exames estaduais: quando do alto da Acrópole dirigia o olhar à Via Sacra, pela qual avançavam os mistas ornados com a testeira de açafreão, o nome de Iaco nos lábios, e em seguida, quando me achava no próprio lugar da iniciação, na zona do Eubuleu, à beira da fenda plutônica, sobranceada de rochedos. Eis que pude intuir a plenitude da vitalidade que se expressa no enlevo iniciador

da greicidade olímpica perante as divindades do abismo, e mais tarde, falando da cátedra de meu colégio, amiúde expliquei aos alunos do último ano que a Cultura consiste essencialmente na incorporação piedosa, ordenadora – quase que se poderia dizer: propiciatória – dos monstros da noite no culto dos deuses.

Ao regressar dessa jornada, o moço de vinte e cinco anos encontrou um emprego no ginásio de sua cidade natal, no qual começara sua formação científica. Ali ministrei durante algum tempo em graus modestos aulas de latim, grego e também história, antes de ingressar, no décimo segundo ano do século, no magistério bávaro, como professor do ginásio de Freising e também docente da Escola Superior de Teologia, ensinando as referidas matérias por mais de dois decênios numa atividade que me satisfazia.

Bastante cedo, logo após a minha nomeação em Kaisersaschern, casei-me. A necessidade de ordem e o desejo de um enquadramento moral na vida humana levaram-me a esse passo. Helene, em solteira Olhafen, minha excelente consorte, que ainda hoje vela sobre o declínio de meus anos, era filha de um velho colega de faculdade e cátedra, que exercia suas funções em Zwickau, no reino da Saxônia, e sem medo de correr o risco de fazer o leitor sorrir, quero confessar que o prenome da alegre donzela, o caro nome de Helene, não foi o menor dos motivos que determinavam minha escolha. Semelhante nome significa uma consagração, a cujo encanto puro não se nega a eficácia, mesmo que a aparência da portadora corresponda às altas pretensões dele apenas no grau modesto dos padrões da burguesia, e também isso só transitoriamente, devido à rápida marcha dos encantos juvenis. Nossa filha, que há muito desposou um homem de valor, gerente da filial de Ratisbona, do Banco Bávaro de Crédito Real, recebeu igualmente o nome de Helene. Além dela, minha querida esposa deu-me ainda dois filhos, de modo que participei, na medida concedida aos homens, posto que dentro de limites prosaicos, das alegrias e das preocupações acarretadas pela paternidade. Devo admitir que em nenhum momento houve em meus rebentos o menor fascínio. Com uma beleza infantil, tal como a do pequeno Nepomuk Schneidewein, sobrinho de Adrian e seu ídolo tardio, eles não podiam competir. Eu mesmo seria o último a afirmar o contrário. Ambos os meus filhos servem hoje – um deles num cargo civil e o outro nas forças amadas – ao seu Führer, e como o meu desnorteado distanciamento dos ditados patrióticos criou em torno de mim uma espécie de vazio, a relação desses jovens para com a tranqüila casa de seus pais somente pode ser qualificada de frouxa.

III

Os Leverkühn eram uma estirpe de artesãos e agricultores que haviam chegado a certa projeção social. Parte da família florescia na região de Schmalkalden e outra na província da Saxônia, no vale do Saale. A própria cepa de Adrian radicara-se, havia várias gerações, na granja de Buchel, pertencente à comunidade rural de Oberweiler, nas proximidades de Weissenfels. Partindo de Kaisersaschern, alcançava-se a estação dessa cidade em três quartos de hora de viagem de trem, mas, para ir a Buchel, era preciso que fossem buscar o visitante com algum meio de transporte. Buchel era uma propriedade cujas dimensões conferiam a seu dono as qualidades de auto-suficiência. Formavam-na uns cinquenta acres de campos e pradarias, além de uma participação num bosque de coníferas e árvores de folhas caducas, o qual era explorado por uma cooperativa, e de uma espaçosa casa de madeira e enxaimel, mas construída sobre alicerces de pedra. Com os galpões e os estábulos, a moradia constituía-se num retângulo aberto, em cujo centro se erguia, inesquecível para mim, enorme tília rodeada por um banco verde, e que em janeiro se cobria de flores deliciosamente perfumadas. A linda árvore talvez estorvasse um pouco a passagem de veículos pelo pátio, e ouvi dizer que os filhos primogênitos na sua mocidade sempre insistiam com os pais no corte dela, por motivos práticos, mas mais tarde, quando se haviam tornado proprietários da granja, defendiam-na contra as intenções de sua própria prole.

Quantas vezes a tília não deve ter dado sombra ao sono diurno da primeira infância e aos joguinhos do pequeno Adrian, que na época da floração do ano de 1885 nasceu no andar superior da casa de Buchel como segundo filho do casal Jonathan e Elsbeth Leverkühn! Georg, o irmão, que hoje, sem dúvida alguma, será o dono da granja, tinha cinco anos a mais. Uma irmã, Ursula, vinha ao mundo outros tantos anos mais tarde. Uma vez que meus pais faziam parte do círculo de amigos e conhecidos que os Leverkühn tinham em Kaisersaschern e desde havia muito existia entre as nossas famílias uma simpatia especialmente cordial, passávamos na estação propícia muitas tardes de domingo na quinta, onde nós, os citadinos, saboreávamos com sincera gratidão os generosos produtos da terra, que nos oferecia a Sra. Leverkühn, o sadio pão de centeio com manteiga fresca, as douradas favas de mel, os deliciosos moranguinhos com nata, o leite coalhado, servido em tigelas azuis e polvilhado de açúcar e migalhas de pão preto. Nos tempos da meninice de Adrian, ou de Adri, como então o chamavam, seus avós aposentados ainda viviam ali, ao passo que a administração da granja já passara inteiramente às mãos da geração mais jovem, e o velho, ao qual aliás se tributava todo o

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

